

## A ESCRITA DA HISTÓRIA DE NATALIE DAVIS NO LIVRO *NAS MARGENS*



Rafaela Basso  
Mestranda em História Cultural (UNICAMP)  
[rafinha\\_basso@hotmail.com](mailto:rafinha_basso@hotmail.com)

**Resumo:** Este artigo busca analisar alguns aspectos da escrita da história de Natalie Zemon Davis presente no livro *Nas Margens*. Nesta obra, a historiadora aborda algumas questões recorrentes nos debates atuais acerca da produção historiográfica, tais como agência, micro-história, bem como o papel da narrativa na produção do conhecimento histórico. Através de um trabalho com a arquitetura do texto juntamente com a análise das reflexões da própria autora sobre seus percursos teóricos e metodológicos, pretende-se mostrar como Davis procura afastar interpretações que aproximem seu trabalho com o relativismo histórico, e o conseqüente esvaziamento da noção de real, tão presente em certas posturas da crítica pós-moderna.

**Palavras-chave:** Escrita da História, Natalie Davis, Pós-modernismo

**Abstract:** This essay aims to analyze some aspects of Natalie Zemon Davis' history writing contained in the book *Women on the Margins: Three Seventeenth-Century Lives*. In this *oeuvre*, the historian deals with some questions approached by the present discussions about historiography production, such as agency, micro-history, as well as the role of narrative on the historical knowledge's production. Through a work with the text architecture, as well as an analysis of the author reflections about her theoretical and methodological paths, this essay aims to show how Davis tries to put aside interpretations which approach her work with the historical relativism (found on certain views of the post-modernism critic) and the following deflation of the concept of real caused by this posture.

**Keyword:** History writing; Natalie Davis; Post-modernism

A proposta deste trabalho é nos aproximar do modo de fazer história de Natalie Davis presente no livro *Nas Margens*. Tal historiadora tem adquirido nas últimas décadas uma atenção crescente devido à projeção cada vez maior de sua obra para além dos círculos acadêmicos, ocasionada principalmente pelas temáticas que aborda e pela metodologia que utiliza. Neste sentido, ela se torna alvo de nosso interesse, pois acreditamos que estas temáticas e metodologias estão em consonância com o debate em torno da mudança do paradigma historiográfico que ganhou força com o advento da crítica pós-modernista ao historicismo. É importante ressaltar que Natalie Davis faz uso de uma série de noções presentes em tal mudança, mas não cai em um relativismo histórico, onde há um esvaziamento da noção de real e da possibilidade de apreender o passado. Pelo contrário, ela se preocupa em entender a realidade de uma época, trabalhando as relações sociais e os significados atribuídos pelos sujeitos em seu tempo a tais relações.

Não podemos deixar de mencionar que os excluídos da história sempre tiveram lugar de destaque na obra de Natalie Davis e, neste sentido, as mulheres em especial. Seus procedimentos de trabalho nada convencionais aliados ao uso de uma infinidade de novas fontes foram fundamentais para resgatar o papel social das mulheres do local periférico em que foi lançado pela tradição historiográfica durante tanto tempo, ajudando a consolidar a *História das Mulheres* enquanto um campo de estudos especializado.

O livro *Nas Margens* foi escolhido, pois, segundo a própria autora, é nele que ela consegue reunir diversos aspectos de seus trabalhos anteriores como o social, o antropológico, o etnográfico e o literário (PALLARES-BURKE, 2000, p. 83) Além disso, tendo em vista que a proposta desta obra é descrever a vida de três personagens como exemplos de mulheres urbanas do século XVII, ela faz uso de uma série de noções que estão presentes nos debates contemporâneos sobre a produção do conhecimento histórico. Sendo assim, apesar de seu posicionamento metodológico estar diluído ao longo da narrativa e ela não recorrer a grandes categorias explicativas, nos debruçaremos em algumas noções cuja presença visualizamos no livro, tais como agência, micro-história e narrativa, tendo em vista entender de que maneira seu trabalho demonstra um modo de fazer história após o relativismo pós-moderno. Para realizarmos tal tarefa, buscaremos

manter sempre um diálogo com a trajetória de trabalho de Natalie Davis a partir de três textos<sup>1</sup>, onde ela própria reflete sobre os percursos teóricos e metodológicos presentes em sua obra. Isso nos dará subsídios para situar *Nas Margens*, bem como suas propostas, conceitos e enfoques.

Nesta obra, Natalie Davis reconstrói a experiência de três mulheres do século XVII: Glikl bas Judah Leib, uma judia negociante de Hamburgo, Marie de l'Incarnation, mística que se torna ursulina em Tours, partindo em missão para o Canadá e Maria Sibylla Merian, pintora e entomologista protestante de Frankfurt, que vai para a América do Sul realizar seus trabalhos. Como Natalie Davis aponta em entrevista à Maria Lúcia Garcia Pallares – Burke, o trabalho com a história das mulheres pode ser encarado como uma espécie de missão de salvamento, porém, vale ressaltar que o interesse por grupos excluídos não é uma novidade de *Nas Margens*. Davis aponta que o intento de resgatar para história “os trabalhadores, as mulheres, os judeus, os ameríndios e os africanos” é uma constante em sua obra. Já em suas primeiras pesquisas nos anos 60, vislumbra-se seu interesse pelas classes subalternas em uma série de artigos, que mais tarde ela publicaria com o nome de “Culturas do povo”<sup>2</sup>.

Não obstante, ainda na década de 50, Davis já demonstrava uma preocupação, ainda que marginal, com a história das mulheres quando escreveu um ensaio sobre Christine de Pisan, uma viúva que viveu no século XIV na França e sustentou sozinha os filhos com os ordenados de seu trabalho como escritora. Indagada sobre o porquê não deu prosseguimento ao trabalho e escolheu a história das mulheres como tema de seu doutorado - o que teria sido na época inovador -, Davis explica que, apesar de ter ficado fascinada pela história de Christine, seus interesses intelectuais na época eram outros. Na verdade, havia uma série de questões políticas e intelectuais que estavam por trás desta decisão. Ela demarca que, por causa de sua influência marxista, estava muito mais interessada em

---

<sup>1</sup> “Interview with Natalie Zemon Davis” <http://www.medievalists.net/2008/09/27/interview-with-natalie-zemon-davis/> acesso em 17/05/2009; DAVIS, Nathalie Zemon. (1997) “A Life of Learning”. *Acts Occasional Paper*, 39; “Natalie Zemon Davis”. In Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke *As muitas faces da história: nove entrevistas*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

<sup>2</sup> Nestes trabalhos, apesar de ela examinar a cidade de Lyon sob inúmeras perspectivas como o comércio, a integração entre diversas culturas e religiões, a relação entre homens e mulheres, seu interesse estava concentrado nos trabalhadores de Lyon e suas relações com a Reforma.

resgatar a experiência dos trabalhadores, não vendo com muito entusiasmo o estudo de uma mulher de uma classe mais abastada. Ela acreditava que a experiência dos trabalhadores era uma chave muito mais esclarecedora para uma série de outras questões que a fascinavam, tais como os conflitos, as relações entre as classes, os movimentos religiosos e sociais, entre outros.

Dessa forma, será somente em *Nas Margens* que as mulheres viriam a figurar como personagens centrais em sua obra. Porém, como demonstra o título original não é qualquer mulher que é alvo de seu interesse, mas sim aquelas que viviam nas margens da sociedade de seu tempo, tanto em termos religiosos e sociais como também geográficos. Ademais, não podemos esquecer que o simples fato de serem mulheres já denota suas posições fora do centro do poder numa sociedade marcada pela submissão delas à figura masculina. Entretanto, o fato de ela buscar dar voz a estas personagens não significava que Davis as via como vítimas passivas de uma sociedade que as subjugavam. Muito pelo contrário, ela demonstra como essas mulheres tiraram o máximo de proveito da situação em que viviam. Neste ponto, acreditamos que Davis, ao narrar as experiências delas, tem em vista a noção de agência, redefinindo o fato de suas personagens estarem nas margens. Como aponta a historiadora americana: “All three turned these margins into borderlands for discovery; all three redefined them as centers of a kind, or at least as places they preferred to be.”<sup>3</sup> (DAVIS, 1997b, p.28)

Para entendermos como a historiadora procede, comecemos por analisar a história de nossa primeira personagem Glikl bas Judah Leib, uma judia de Hamburgo, que em fins dos Seiscentos, escreveu uma narrativa onde mescla elementos autobiográficos e ensinamentos religiosos dirigidos aos seus filhos. Natalie Davis, em suas primeiras páginas, já nos remete a situação delicada que essa personagem estava sujeita, visto que a comunidade dos judeus alemães vivia na cristã Hamburgo numa situação limítrofe, alternando-se períodos de relativa paz com momentos de perseguição e expulsão. Apesar disso, Glikl cresce numa época em que a população e a prosperidade dos judeus na cidade tinham ganhado força e, apesar de não fazer parte da aristocracia, sua família vivia em situação econômica confortável.

---

Tal contexto que Davis apresenta é fundamental para nos situarmos perante as perguntas que ela irá propor no início do capítulo para adentrar a história de Glikl. Deixemos as palavras com a própria autora:

Como Glikl situou a si mesma e a seu povo num mundo em que, segundo os cristãos, os judeus deviam viver à margem ou em guetos ou simplesmente ser excluídos? E de que recursos culturais podia dispor uma mulher judia na Europa seiscentista – recursos que ela pudesse utilizar em seu proveito, que lhe fornecessem as notas capazes de fazê-la encontrar a própria voz? (DAVIS, 1997a p.17)

Na verdade, em busca de respostas a estas questões, Natalie Davis irá se debruçar sobre a autobiografia de Glikl - sua fonte documental principal - através da qual conduzirá sua argumentação a fim de mostrar como Glikl se moveu com ousadia em um contexto onde suas ações eram limitadas. Glikl casou-se cedo e desde o início de sua vida conjugal, participava de todas as decisões relativas aos negócios da família, pois era comum na cultura judaica que as mulheres ajudassem nas transações financeiras. No entanto, o que chama atenção em Glikl não era o fato de ela ser uma mulher de negócios, mas sim a “extensão de suas atividades e de suas operações de crédito”. Na verdade, o sucesso no desempenho de tais atividades foi fundamental para ela no momento em que ficara viúva, pois lhe garantiu renda para manter a família e a autonomia para que pudesse escolher um próximo casamento que lhe fosse mais conveniente.<sup>4</sup>

Apesar de toda a distinção que ela conseguira como negociante, Glikl nunca teve acesso a uma formação erudita, tal qual grande parte das mulheres de seu tempo. Segundo Davis, o estudo a que Glikl teve acesso é representativo do saber livresco das mulheres de comerciantes ashkenazim, o qual permitia a leitura de livros em ídiche. Porém seus conhecimentos não ficaram restritos a esta língua, pois Glikl sabia ler em hebraico, um idioma que era predominantemente masculino. A historiadora faz suposições sobre onde Glikl possa ter aprendido tal idioma e indaga se a explicação podia ser creditada à tradição oral religiosa à qual ela compartilhava, ouvindo sermões bíblicos e cânticos onde o

---

<sup>4</sup> O que de fato aconteceu quando ela conheceu um rico financista e líder da comunidade de Metz, na França. Glikl casou-se novamente e mudou-se para a cidade do marido, porém não teve sorte quanto tanto esperava ter, pois depois de alguns anos de convivência faliu e fez com que Glikl voltasse a trabalhar a comercializar para manter a família.

hebraico se entremeava com termos ídiche. Todavia, o aprimoramento na língua veio, de acordo com a própria Davis, do empenho pessoal de Glikl.

Desta forma, foi o universo religioso que lhe permitiu acesso a cultura letrada. No entanto, as leituras de Glikl nunca ficaram restritas a tal universo, pois seus escritos também fornecem indícios de leituras de obras “pagãs”. O que Natalie Davis pretende mostrar é que a leitura e principalmente a escrita, foram os caminhos encontrados por Glikl para travar seu auto-conhecimento. Ademais, o domínio da palavra escrita possibilitou a ela ir muito além da simples investigação espiritual e reflexiva, dirigindo-se a “um Deus que a escutava”. Isso a permitia discutir com o Todo Poderoso, indagando-lhe sobre seus sofrimentos e inquietações, algo que muitos rabinos não ousariam fazer.

Já a nossa segunda personagem, Marie de l’Incarnation também tem sua história de vida intrinsecamente relacionada à experiência religiosa. Marie cresceu em uma família modesta em Tours e casou ainda adolescente com um comerciante de sedas. Porém, com apenas dois anos de matrimônio, ficou viúva e com um filho para cuidar. Natalie Davis dá voz a sua experiência, utilizando também como principal fonte o relato autobiográfico que Marie escreveu para o filho enquanto estava no Canadá. Em tal obra existem muitas semelhanças com a de Glikl bas Judah Leib. Ambas usaram a escrita como instrumento de auto-descoberta para enfrentar seus conflitos internos e para pregação moral e religiosa. Apesar disso, com relação a este último ponto, podemos propor que Marie foi muito mais longe em sua experiência religiosa, na medida em que abandonara tudo na Europa, até mesmo seus “deveres” de mãe, para levar os ensinamentos religiosos para os povos não-cristãos do Canadá.

Antes de partir para o Novo Mundo, Marie passara grande parte de seu dia dedicando-se a religião: quando não estava praticando obras de caridade, estava orando ou experienciando uma vida ascética de purificação e mortificação do corpo. Isto tudo sem contar as experiências místicas por ela vividas. Foi em uma dessas experiências que ela sentiu o chamado para ir ao Canadá e acabou entrando para a ordem das Ursulinas a fim de fundar um convento no além-mar. De acordo com a autora, se por um lado, Marie encontrava poucas possibilidades de ação na Europa pós-Trento, por outro lado, ela soube aproveitar as brechas deixadas pela Igreja para as mulheres:

(...) a conquista da santidade vivendo no mundo como esposa e mãe viúva; e o desenvolvimento de uma vocação magisterial convivendo com celibatárias numa ordem nova. Marie percorreu esses caminhos ao máximo, aprimorando-se na disciplina ascética e na visão mística e depois, num apostolado heróico, levando ensinamentos a um lugar distante. (DAVIS, 1997, p. 191)

O apostolado foi uma estratégia encontrada por Marie para redefinir o fato de ela estar à margem em sua sociedade, no Canadá ela também experienciou de outra forma tal questão: ao atravessar fronteiras geográficas e culturais, ela passou a viver num universo totalmente distante do que estava acostumada.

Estando em Quebec, Marie se dedicava às atividades diárias do convento, lecionava as internas, além de ocupar o cargo de madre superiora durante muitos anos. Apesar dos compromissos diários, nunca abandonara o hábito de escrever e já nos primeiros anos começou a redigir sua autobiografia a pedido de seu filho, na qual expunha suas inquietações espirituais e pessoais, além de escrever cartas para familiares e para as ursulinas francesas. Nestas cartas, Marie dava conselhos espirituais e contava como era o dia-a-dia com os indígenas. Com relação à salvação das almas indígenas, ela passou a escrever obras religiosas em línguas ameríndias a partir de 1661. Apesar de naquele tempo, tanto o filho como Marie tivessem ressalvas sobre a capacidade feminina de escrever obras de teologia - o que demonstra que deveria ser algo pouco freqüente e pouco aceito pela hierarquia da Igreja -, Marie nunca achou nenhum impedimento para romper as fronteiras que a Igreja ou sociedade lhe impunham, redigindo textos devocionais e muitas vezes com um caráter teológico, o que lhe permitia manter um canal de diálogo direto com Deus. Deve-se ressaltar que tal como Glikl, Marie conseguiu tais proezas sem nunca ter uma educação acadêmica. Na verdade, ela soube aproveitar as oportunidades que estavam abertas às mulheres piás e devotas no que tange a instrução.

Por último, Natalie Davis narra a história de Maria Sibylla Merian, pintora e naturalista, nascida em Frankfurt, que viajou acompanhada da filha ao Suriname a fim de estudar botânica e entomologia. Diferentemente das duas anteriores, as quais Natalie possuía suas autobiografias como fonte principal de trabalho, Sibylla não deixou nenhum escrito sobre si, fazendo com que Davis ocupasse os espaços vazios com outras fontes. Maria Sibylla nascera em uma família de artistas e desde cedo se dedicou à arte e

observação da natureza. Casou-se com um pintor, porém diferentemente das outras mulheres que ficaram sozinhas por contingências do destino, Sibylla abandonara o marido para buscar uma vida cristã de paz e religiosidade em uma comunidade labadista. Experiência esta que não durara muito, pois a vida restrita às questões religiosas parece ter lhe sufocado, o que a fez voltar para a “vida mundana” e prosseguir seus trabalhos, tendo em vista que agora, ela estava sozinha com duas filhas para cuidar. Por este tempo, já era uma artista de renome e tinha publicado diversos livros sobre insetos e flores, tal como a obra *Raupen*, em que descrevia a metamorfose das lagartas, sendo muito bem aceita entre os naturalistas. Um feito notável para uma mulher que não tinha instrução específica e nem viagens no currículo como os homens desta área. De acordo com as próprias palavras de Davis, “Merian foi uma pioneira: atravessou as fronteiras da instrução e do sexo para adquirir conhecimentos sobre insetos e criou as filhas ao mesmo tempo que observava, pintava e escrevia.” (DAVIS, 1997a, p. 146)

A idéia de ir ao Suriname partiu da curiosidade em explorar a fauna e a flora “exóticas” do país. No entanto, Davis nos coloca diante das fronteiras que Merian teve que romper para empreender tal viagem, na medida em que nenhuma mulher respeitável naquele tempo ousava atravessar o oceano sem uma companhia masculina, ainda mais para desenvolver um projeto de artista-naturalista. Ela permaneceu dois anos no Suriname, observando e coletando espécimes, trabalho este que resultaria em *Metamorphosis insectorum surinamensium*, publicado em holandês e latim e muito bem recebido pelo público científico. Nesta obra, bem como nas anteriores, percebemos também um movimento religioso em busca do conhecimento interior. Apesar de poucas referências a experiências religiosas diretas, pode-se perceber, como salienta Natalie Davis, que a religião também lhe forneceu base para a construção de seu trabalho e de sua visão de mundo.

Mesmo que a preocupação central da obra de Natalie Davis seja mostrar as maneiras que essas mulheres encontraram para sobreviver nas margens da sociedade, não podemos chegar ao extremo de ver as mesmas como heroínas ou feministas *avant la lettre*: todas elas tiveram limitações próprias de seu tempo. Podemos propor que elas construíram suas visões de mundo alicerçadas numa cultura eurocêntrica, seja em termos de valores, costumes ou



religiosidade. A própria Davis chama atenção no prólogo para o caso de Glikl que por causa do *sexismo* judeu, se refere aos filhos em sua autobiografia com títulos honoríficos, não tratando da mesma forma as filhas. Outro exemplo é o silêncio tanto de Marie como de Sibylla com relação ao colonialismo europeu e a exploração negra e indígena no Novo Mundo. Neste ponto não podemos esquecer o fato de Sibylla ter possuído escravas no Suriname, as quais, apesar de terem lhe acompanhado em suas expedições, fornecendo-lhe informações sobre a fauna e flora nativas, não foram mencionadas em *Metamorphosis insectorum surinamensium*.

Podemos propor que a abordagem da história das mulheres de Davis está intrinsecamente relacionada à sua preocupação em entender as relações conflituosas que elas mantiveram com o mundo em que viveram, pois para a autora o modo mais elucidativo de se entender uma sociedade no passado “é estudando os profundos conflitos que existem entre as pessoas. Nestes, muito mais do que nas crenças que as pessoas compartilham, me parece se encontrar a chave para a identificação de períodos e de culturas.” (PALLARES-BURKE, 2000 p. 92) Todas as três mantiveram conflitos pessoais, religiosos e com os povos aos quais entraram em contato ao longo da vida. Retomemos o caso de Marie de l’Incarnation. Desde muito jovem, ela convive com inúmeros conflitos pessoais em relação a religião: sua fé e seu papel enquanto devota estão sempre postos a prova. Podemos perceber tais conflitos em sua prática de mortificação que representava a ruptura com a vida mundana através de uma espécie de processo de purificação religiosa. Não por acaso, com a mudança de Marie ao Canadá, vemos uma importância cada vez menor dada a tal prática, visto que é no Novo Mundo que seu processo de conversão e encontro com Deus se tornam plenos. Isso ocorre devido a importância de sua contribuição apostólica na expansão do Catolicismo. O caso de Marie pode ser entendido no contexto de fervor que atingiu os religiosos após a Contra-reforma, no qual houve um crescimento dos níveis de devoção e uma extrema valorização da expansão da fé católica através da ação pastoral para regiões longínquas.

A partir do exemplo de Marie podemos fazer uma reflexão acerca da micro-histórica trabalhada por Davis. Na verdade, tal metodologia já tinha sido explorada anteriormente por ela em *O retorno de Martin Guerre*, porém em *Nas Margens* ela expandiu o estudo de

uma única pessoa para uma comparação descentralizada da vida de três mulheres. (DAVIS, 1997b, p. 27) Através desta escolha, acompanhamos a historiadora constantemente se movendo entre os universos macro e micro, pois em nenhum momento as experiências pessoais destas mulheres ganham significado fora da sociedade que as constituem. Na concepção de Davis, uma abordagem de micro-história se torna relevante para os estudos históricos na medida em que permite gerar *insights* para o tratamento de outros casos possíveis. Para ela, salvaguardados os detalhes, a micro-história tem que possuir uma ambição de história total. Percebemos que o estudo de suas personagens é utilizado como modo de aproximação da sociedade, uma entrada para ela tratar questões mais gerais do Seiscentos, tais como, por exemplo, a religião, o colonialismo e as relações de gênero.

Acreditamos que a abordagem da micro-história também permite a Davis, registrar a trajetória de personagens anônimas que poderiam passar despercebidas dentro de uma perspectiva de história total. Apesar de situar sua obra neste projeto, em nenhum momento as experiências dessas mulheres estão reduzidas ao sistema social que as engendra. Não faltam exemplos no livro de como suas personagens conseguem escapar a tal sistema. Citemos, por exemplo, o desgaste das prescrições hierárquicas de obediência que tais mulheres empreenderam com relação ao casamento. (DAVIS, 1997a, 193)

A abordagem comparativa também é fundamental na construção do livro, na medida em que a autora vai construindo seu enredo, tecendo comparações entre as três personagens, apontando suas semelhanças e diferenças. Apesar de dedicar cada capítulo a uma personagem, a leitura sequencial do livro acaba lhe conferindo um significado maior no que tange as comparações que são feitas no decorrer da leitura. É mediante esta estratégia que Davis nos conduz à percepção de como mulheres tão diferentes tinham mais em comum do que poderíamos imaginar no começo do livro. Dentre uma infinidade de analogias possíveis, podemos destacar o fato de todas terem encontrado meios de agir dentro de um universo em que tais possibilidades eram limitadas. Ademais, tinham em comum o grande apego à arte de escrever, mesmo sem nunca terem freqüentado instituições de aprendizagem formais. Através da escrita, Glikl, Marie e Maria Sibylla encontraram um caminho para a auto-reflexão, minimizando suas inquietações pessoais e religiosas.

Apesar dessas proximidades, tais mulheres nunca tiveram chance de se encontrar em sua época e dificilmente teriam tal oportunidade a não ser no prólogo de *Nas Margens* em que Davis, utilizando de uma estratégia narrativa ficcional, rompe os limites do tempo e do espaço, fazendo com que as três fiquem frente a frente em pleno século XX para dialogarem entre si e com a própria autora, a fim de refletirem sobre o motivo de e estarem juntas num mesmo livro. Ao fazer isso, Davis subverte a lógica do discurso acadêmico tradicional, rompendo as fronteiras entre fato e ficção.

No entanto, não se pode deixar de observar que, mesmo tendo muitas afinidades com um discurso literário, Davis acaba se distanciando deste gênero, na medida em que sua narrativa vai assumindo uma referencialidade ligada ao contexto e ao minucioso trabalho com as fontes. Porém, devido às lacunas que estes relatos apresentam, a autora, mediante uma estratégia conjuntural, cruza informações e evidências paralelas, para complementar suas especulações. Tal método já tinha sido antes explorado em *O retorno de Martin Guerre* e também se faz presente em *Nas Margens*, principalmente no que se refere ao trabalho com a última personagem abordada no livro, visto que ela não deixou nenhum documento sobre si. Isso fez com que a historiadora utilizasse uma estratégia diferenciada para se aproximar de Maria Sibylla, atentando “ao *eu* observador de seus textos sobre entomologia para completar o quadro com elementos fornecidos por pessoas que a rodearam e lugares que ela percorreu.” (DAVIS, 1997a, p. 133). Ainda com relação ao seu trabalho com as fontes, Davis nos aponta em entrevista para o site *medievalists.net* que seu intento é procurar por cada dica que a documentação encerra, nunca perdendo de vista explorar os gêneros de onde as pessoas estão se reportando, bem como as convenções sociais que se espera que elas sigam, e por fim, as regras para a escrita do documento<sup>5</sup>. Dessa maneira, mesmo buscando desvendar o caráter autobiográfico presente nos relatos trabalhados, Davis percebe e demonstra os mecanismos de construção textual de cada um.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> “Interview with Natalie Zemon Davis” <http://www.medievalists.net/2008/09/27/interview-with-natalie-zemon-davis/> acesso em 17/05/2009.

<sup>6</sup> A autobiografia de Glikl tem como modelo as autobiografias judaicas, que possuem um caráter familiar e de pregação moral e religiosa, em que há por trás a história do povo judeu. Já Marie usa como protocolo narrativo as hagiografias, em que ela aproxima sua trajetória com a de uma santa. Já os escritos de Merian se inscrevem numa estrutura narrativa mais científica que consequentemente não se filia ao modelo autobiográfico tradicional.

Neste sentido, percebemos que a autora quer se distanciar das interpretações que caracterizam o trabalho do historiador como ficcional, tal qual a que Hayden White propõe. Apesar de Davis considerar a contribuição deste autor ao enfatizar a importância dada por ele às formas literárias presentes na escrita da história, ela encara tal postura como limitadora, uma vez que não leva em consideração os esforços que os historiadores fazem para provar seus argumentos. Sobre este ponto, ela se posiciona da seguinte maneira:

No meu entender, as duas coisas operam concomitante, como se fossem sistemas de ondas, uma delas sendo a do gênero literário que a escrita da história pode adotar (tragédia, comédia, tragicomédia, etc.) e a outra a da evidência. Além disso, ao focalizar especialmente a questão do gênero literário para apontar o caráter fictício dos escritos históricos, Hayden White não leva em conta as convenções da escrita em prosa que se desenvolveram ao longo de dois mil anos, e que permitem ao leitor saber quando se fala com incerteza, quando se fala assertivamente, quando se tem dúvida sobre um argumento ou quando há vários pontos de vista sobre o tópico tratado. (PALLARES-BURKE, 2000 p. 107)

Podemos, portanto, supor que Davis possui uma autoconsciência narrativa muito patente, pois ao longo de todo o livro nos deparamos com sua presença enquanto narradora, interagindo e dialogando com suas personagens, supondo o que elas poderiam ter imaginado, questionando-as e os demais sujeitos envolvidos em suas trajetórias.<sup>7</sup> Assim, percebe-se que ela usa com bastante maestria as convenções da escrita às quais Hayden White não levaria em conta. Com tal postura, Davis contraria uma pretensa objetividade tão presente em trabalhos históricos mais tradicionais.

Por fim, a importância da narrativa na construção do livro também se faz presente na medida em que a autora está se movendo dentro do gênero biográfico, através do qual ela busca “contar” a experiência das mulheres em questão. Tendo em vista tal preocupação, nada melhor que a estratégia utilizada: dar voz a elas, através de suas autobiografias ou de textos que permitam entrever algo de sua subjetividade. A partir do momento em que Davis

---

<sup>7</sup> Sobre a ousada decisão de Merian de ir para América, Davis indaga: “Os homens de sua família não percorreram a Europa por causa da arte? Seu pai, Matias Merian, não publicara as últimas grandes edições de *Grands Voyages*, a célebre série de gravuras sobre o Novo Mundo? (DAVIS, 1997a, p.159) Sobre o fato de Marie entender o trabalho árduo que era destinado as mulheres nas comunidades indígenas do Canadá: “O que mais Marie Guyart poderia esperar ? Não fizera de tudo, desde tratar de cavalos até cuidar da contabilidade na casa do carroceiro? No convento de Tours não se mantivera ocupada elaborando retábulos e orçamentos?” (DAVIS, 1997a , p. 87)

lhes concede a palavra, temos indícios de como elas perceberam a si próprias e o seu mundo exterior. Ao narrarem suas próprias experiências, tais mulheres invertem o fato de estarem na margem para se colocarem no centro do mundo em que viveram.

Logo, apesar de Natalie Davis em *Nas Margens* abordar problemáticas e conceitos tipicamente associados às transformações presentes na produção de conhecimento nos últimos anos, como por exemplo, a dimensão narrativa e o retorno da biografia, os quais muito se relacionam a um certo fracionamento da disciplina histórica e impossibilidade de se atingir o passado, - posições potencializadas depois do advento da teoria pós-modernista e a crise dos paradigmas - , percebe-se que ela consegue articular muito bem a retórica com a possibilidade de apreensão de uma realidade passada. Desta forma, o que se procurou mostrar neste trabalho é a maneira como Natalie Davis em *Nas Margens*, consegue dar voz às experiências das mulheres analisadas, resgatando os seus papéis enquanto sujeitos históricos, não abrindo mão das vantagens do uso das elaborações discursivas.

## Referências

BONNELL, Victoria E e HUNT, Lynn. *Org. Beyond the cultural turn. New directions in the study of society and culture*. University of California Press, 1999.

COHN, Dorrit. *The distinction of fiction*. Baltimore e Londres, The Johns Hopkins University Press, 1999.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. “A história nas histórias”. *Topoi RJ*. Editora 7 Letras UFRJ, V.3 N.3 P. 187-192, 2001.

DAVIS Natalie Zemon. *Nas Margens: três mulheres do século XVII* São Paulo. Companhia das Letras , 1997 (A).

\_\_\_\_\_. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GINZBURG, Carlo. *Relações de Força: história, retórica , prova*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

PALLARES-BURKE Maria Lúcia Garcia *As muitas faces da história: Nove entrevistas*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

SPIEGEL, Gabrielle org. *Practicing history, New directions in historical writing after the linguist turn*. Nova York e Londres, Routledge, 2005.

WHITE Hayden. *Meta História: A imaginação histórica do século XIX*, São Paulo, Edusp. 1992

## Links

DAVIS, Nathalie Zemon. (1997) “A Life of Learning”. Philadelphia, PA, Acls Occasional Paper, 39, 1997. Disponível em <[http://www.acls.org/Publications/OP/Haskins/1997\\_NatalieZemonDavis.pdf](http://www.acls.org/Publications/OP/Haskins/1997_NatalieZemonDavis.pdf)> acesso em: 17 maio 2009. (B)

Interview with Natalie Zemon Davis <<http://www.medievalists.net/2008/09/27/interview-with-natalie-zemon-davis/>> acesso em: 17 maio 2009.